

Os banqueiros atrás de uma solução

James L. Rowe Jr., do *Washington Post*.

Os quatro meses de aumentos nas taxas de juros dos Estados Unidos e da Inglaterra, a não ser que a tendência seja invertida, deverão acrescentar vários bilhões de dólares aos custos de juros dos países devedores da América Latina.

No entanto, o aumento de 0,5% na taxa *prime* norte-americana provavelmente irá ter um impacto muito maior sobre a política da dívida do que sobre o Tesouro dos países latino-americanos, segundo dizem os banqueiros e os economistas.

— Isto servirá para fortalecer as argumentações das pessoas que querem transformar a negociação país por país, numa situação mais globalizada — segundo o principal economista internacional de um dos maiores bancos dos EUA. A meta política é incluir os governos dos países industrializados diretamente nas negociações e procurar conseguir aumentos nas ajudas financeiras concedidas aos países devedores.

Vários importantes banqueiros também disseram que taxas de juros elevadas — das quais o último aumento da *prime* é apenas um sintoma — irão apressar o dia em que os bancos terão de aceitar algum tipo de teto para os pagamentos dos países latino-americanos, de forma que esses países não vejam seus lucros com exportação sendo devorados pelos juros crescentes.

De fato, afirmam vários banqueiros e

economistas, o aumento da *prime rate*, em si, terá pouco impacto sobre os países devedores da América Latina. Muito mais prejudicial é a assim chamada taxa interbancária londrina (*Libor*), na qual se baseia a maior parte da dívida latino-americana. A taxa *Libor*, um reflexo do custo do levantamento de fundos nos assim chamados euromercados, aumentou tão ou até mais rapidamente do que a *prime rate* nos últimos meses.

Mas como a *Libor* é uma taxa de juros de mercado, que se modifica em pequenas parcelas todos os dias, uma mudança na *prime*, administrativamente determinada nos bancos norte-americanos, acaba sendo um evento muito mais dramático. Desde princípios de março, tanto a *prime* quanto a *Libor* aumentaram em aproximadamente uns dois por cento.

Os economistas estão prevendo que as taxas de juros irão continuar aumentando, tanto em Londres como em Nova York, principalmente por causa do elevado déficit norte-americano e por causa da contínua demanda de empréstimos por parte das empresas e dos consumidores.

Irwin Kellner, o principal economista do Manufacturers Hanover Trust Co., prevê uma *prime* de 14% em princípios de 1985. Outros economistas, no entanto, acham que as taxas de juros irão aumentar ainda mais. O presidente Ronald Reagan, no entanto, disse que as taxas de juros deverão começar a diminuir no segundo semestre.

A não ser que o presidente e os seus assessores estejam certos, os bancos e os países devedores terão de encontrar alguma maneira para isolar os países devedores das taxas de juros em forte ascensão nos países industrializados.

— As coisas que estão em jogo são importantes demais para todos os participantes, para os bancos, para os países e para o governo norte-americano, para que se possa permitir que a atual situação se continue desenvolvendo desta maneira durante muito tempo — declarou um alto funcionário de um dos principais bancos dos EUA.

Ele previu que os bancos e os países devedores irão elaborar um acordo de pagamento semelhante a alguns esquemas de hipotecas a taxas variáveis de juros existentes nos Estados Unidos. Os pagamentos relativos aos empréstimos ficarão idênticos. Caso as taxas de juros aumentem, esse aumento será acrescentado ao principal da dívida.

Por enquanto, os países devedores da América Latina sentirão pouco impacto real com a alta dos juros, porque as taxas foram modificadas apenas a cada três ou seis meses. E antes que as taxas de juros mais elevadas venham a exercer algum tipo de sério impacto sobre os seus pagamentos, previu um dos principais banqueiros dos Estados Unidos, algum método para se lidar com as taxas crescentes será encontrado.